

REVISTA  
SENTIDOS  
DA CULTURA

## GEOTALES: NARRANDO AS HISTÓRIAS PETRIFICADAS PELA TERRA

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano

### **Resumo**

Este relato abarca as origens, o nascimento e as vivências do GeoTales, grupo da UNIRIO que tem como objetivo divulgar as Geociências por meio de performances baseadas na narração de histórias em prosa e verso, possibilitando uma vivência dos conteúdos científicos por meio das Artes. Estando associado a diversos projetos de extensão, pesquisa e ensino, o escopo dos temas abordados pelo GeoTales também inclui a valorização das culturas indígena e afro-brasileira e o empoderamento feminino, destacando que a integração das Artes com as Geociências também visa aprofundar a reflexão sobre as relações do “eu” com o outro e com o planeta Terra, a fim de promover a conservação do Patrimônio Natural e Cultural de forma integrada.

**Palavras-chave:** Geopoética. Geomitologia. Paleontologia Cultural.

### **Abstract**

This report covers the origins and experiences of GeoTales, a group of UNIRIO that aims to disseminate Geosciences through performances based on storytelling and poetry, enabling an experience of scientific contents through the Arts. Being associated with several projects, the scope of the topics addressed by GeoTales also includes the greater appreciation of the



conchas pela primeira vez, que representaram a materialização da minha paixão por conchas e rochas, pois desde criança esses elementos me atraíam e faziam parte da coleção que fui obtendo pelas praias e florestas da cidade do Rio de Janeiro. Foram as conchas fossilizadas que me levaram até o encontro que inspirou a criação do GeoTales também, como veremos a seguir, justamente por causa desse primeiro desenho, que foi o começo da minha monografia sobre os fósseis devonianos do Estado do Pará (Ponciano, 2006, 2011).

Inicialmente mais como artista, estes encontros entre as Artes e as Geociências foram sendo desenvolvidos por meio da produção de materiais (como desenhos, pinturas e esculturas) para as exposições do Museu Nacional (Rio de Janeiro) e para algumas publicações, como o livro *Pterossauros - Os senhores do céu do Brasil* (Kellner, 2006). Enquanto isso, continuei minha formação na Paleontologia por meio do mestrado e doutorado em Geologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2007 a 2013), conectando a realização da pesquisa científica sobre os fósseis do Norte e Nordeste do Brasil com a divulgação das informações obtidas por meio da participação em todas as etapas que envolvem a elaboração e montagem de exposições, já como paleontóloga e paleoartista.

Após o início da docência na UNIRIO, em fevereiro de 2013, comecei a ampliação da pesquisa sobre outras possibilidades de transformação das formas tradicionais de divulgação e ensino das Geociências por meio

das Artes, além da Paleoarte. Foi nessa busca que no período de 25 de agosto a 02 de setembro de 2013, ao participar do evento XVII Encontro Internacional do IFNOPAP (O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense) / VII Campus Flutuante da Universidade Federal do Pará (UFPA): Navegando entre o Rio e a Floresta com vistas à Biodiversidade, Cultura e Sustentabilidade, congresso embarcado a bordo do Catamarã Rondônia que navegou pelo Rio Amazonas até os municípios de Almeirim, Prainha e Monte Alegre (Estado do Pará), que nasceu a ideia de criar novos projetos na UNIRIO, ao assistir as apresentações culturais e acadêmicas sobre a Cobra Grande e o Mapinguari, entre outras lendas da Amazônia.

Tendo sido convidada originalmente pelo Prof. Dr. Vladimir de Araújo Távora (UFPA) para ministrar palestras e oficinas sobre os fósseis e o Patrimônio Geológico da Amazônia, assim como estratégias de Geoconservação e propostas de Geoturismo para a região (Fig. 2), os momentos que considerei como os mais marcantes do evento foram as performances do grupo Griot, coordenado pela Prof. Dra. Renilda Bastos (UEPA), que possibilitaram a descoberta da correlação das narrativas sobre a Cobra Grande com a Geologia, dado que quando a cobra se move faz a terra tremer (terremotos) e com a Paleontologia, na história do Mapinguari (por causa das características morfológicas das preguiças gigantes, associadas a este monstro).



Figura 2 – Apresentação da palestra “Geoturismo como meio de popularização das Ciências da Terra” no XVII Encontro Internacional do IFNOPAP, em 2013.

Foi partir deste contato com as performances do Griot e as outras apresentações acadêmicas e artísticas sobre as narrativas orais no IFNOPAP (Figs. 3 e 4) que eu me abri para que a poesia, os mitos, a dança, a pintura corporal e outras formas de Arte voltassem para a minha vida, depois do longo período de oito anos concentrados apenas no final da graduação, mestrado e doutorado, quando as Artes ficaram restritas apenas às exposições de Paleontologia e meu lado puramente paleontóloga foi gradativamente ficando cada vez mais predominante, soterrando a artista (Luiza Corrales, nome que uso para assinar as produções artísticas) em camadas cada vez mais profundas.



Figura 3 – Registro da mesa redonda “Caminhos da Oralidade: Por onde andamos?”, com a Prof. Dra. Renilda Bastos, Prof. Dra. Socorro Simões e a Prof. Dra. Josebel Akel Fares no XVII Encontro Internacional do IFNOPAP, em 2013.

Por isso que neste momento entram em cena as outras mães do GeoTales, a Prof. Dra. Renilda Bastos (UEPA, coordenadora do Griot, grupo que conta histórias e pesquisa a formação contadores de histórias e de leitores) e a Prof. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões (UFPA, coordenadora do IFNOPAP, evento no qual as águas da fertilidade realizaram a fecundação e o nascimento do GeoTales) (Fig.4). Em entrevista realizada por Santana (2015), a Prof. Dra. Renilda Bastos ressaltou que quem iniciou o movimento de contadores de histórias em Belém nas instituições de ensino superior foi a Prof. Dra. Socorro Simões, na época coordenadora do projeto Contadores Itinerantes da UFPA, que foi a inspiração para a criação do Griot, na UEPA.



Figura 4 – Registro da performance do boto pelo Prof. Dr. Éder Jastes no XVII IFNOPAP, em 2013, acompanhada pela música de Iva Rothe, Dadadá Castro e Nêgo Nelson, em mais um dos momentos marcantes para a criação do GeoTales.

Outras pessoas embarcadas nesse evento maravilhoso que é o IFNOPAP também foram muito importantes para a concepção deste novo grupo de narração de histórias na UNIRIO, sendo aqui destacados o pai do GeoTales, o Prof. Dr. Éder Robson Mendes Jastes (UFPA), bailarino, ator e performer que encanta todas as mulheres como o boto (Fig.4) nas apresentações culturais do IFNOPAP e as madrinhas do GeoTales - a Prof. Dra. Josebel

Akel Fares (UEPA), e a Profa. Janete da Silva Borges, mestre em Letras (UFPA).

A história da criação do GeoTales continua em 2014, em uma viagem de 10 dias pelos rios da Amazônia no Navio Amazon Star, durante o XVIII Encontro Internacional do IFNOPAP / VIII Campus Flutuante da Universidade Federal do Pará (UFPA): De volta ao Trombetas com vistas à Biodiversidade e à Cultura - "sob as bênçãos de Santo Antônio", que aportou em Santarém e Oriximiná, evento no período de 31 de julho a 09 de agosto. Neste segundo ano comecei a estudar o significado dos símbolos das pinturas indígenas com o material que tinha disponível no navio, e acabei pintando meus braços e mais diversas outras pessoas que estavam no evento, participando da criação da performance da matinta perera por meio da pintura corporal das asas de uma ave nas costas e pernas do Prof. Dr. Éder Jastes, em jenipapo (Fig. 5), além de continuar com as palestras e oficinas sobre as Geociências.



Figura 5 – Registro da preparação das performances da matinta perera (pintura corporal em jenipapo por LCMOP) e do boto, ambas pelo Prof. Dr. Éder Jastes no XVIII IFNOPAP, em 2014.

Na oficina “A grande história da Amazônia: O mar antes da floresta”, nas escolas atendidas pelo IFNOPAP de 2014,

foram apresentados alguns exemplos de sítios paleontológicos que são o registro de depósitos marinhos formados no interior do nosso país. Há milhões de anos, especialmente durante o período chamado Devoniano, o nível do mar estava mais alto que o atual, e grande parte do nosso território foi inundado por mares rasos que ocupavam principalmente as regiões Norte, Nordeste e Sul do Brasil. A acumulação de sedimentos (como areia, lama, cascalho,...) e restos de organismos (como conchas, espinhos de peixes,...) nestes locais permitiu a preservação de invertebrados marinhos, peixes, algas e outros organismos nas rochas de regiões que atualmente são muito diferentes de um mar, como a floresta amazônica, o sertão nordestino e os campos do sul do Brasil. Estes locais, conhecidos como afloramentos fossilíferos, estão localizados ao norte e ao sul do curso do Rio Amazonas, em especial no Estado do Pará.

Por meio do estudo dos fósseis coletados na Amazônia podemos fazer uma grande viagem, voltando a um passado muito distante a fim de entender como todas as alterações que já ocorreram nesta região influenciaram a composição da biodiversidade atual da floresta amazônica. Já a palestra (Patrimônio Geológico da Amazônia) foi baseada em um trecho da Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra: “O passado da Terra não é menos importante que o passado dos seres humanos. Chegou o tempo de aprendermos a protegê-lo e protegendo-o aprenderemos a conhecer o passado da Terra, esse livro escrito antes do nosso advento e que é o Patrimônio

Geológico”. Neste contexto, começaram a ser criadas algumas histórias para divulgar a importância das Geociências, que foram apresentadas ainda num formato mais tradicional de aula e palestra (Fig. 6).



Figura 6 – Apresentação de palestra sobre o Patrimônio Geológico da Amazônia no IFNOPAP de 2014.

Já em 2015, foi a vez da família paraense do GeoTales ir ao Rio de Janeiro para participar de um evento que organizamos na UNIRIO, o GEOEDUCA (I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOCIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA), no período de 03 a 07 de março de 2015. Neste evento a Prof. Dra. Renilda Bastos (UEPA) apresentou uma palestra (Diálogos entre as Geociências e os contadores de histórias: como narrar um conto), foi realizada uma mesa redonda (Geociências e os Mitos: Era uma vez na História da Terra – Fig. 7) e uma oficina (Mitos de origem no caleidoscópio amazônico: interfaces das Geociências com os saberes tradicionais), as duas últimas com os convidados Profa. Dra. Renilda Bastos (UEPA), Prof. Dr. Éder Jastes (UFPA) e Prof. Dr. Vladimir Távora (UFPA).



Fig. 7 – Mesa redonda na UNIRIO, com a participação dos professores que participaram do nascimento do GeoTales durante os eventos do IFNOPAP.

Este evento promoveu um espaço de discussão, reflexão e troca de experiências e investigações entre professores de diferentes disciplinas, educadores e pesquisadores da Educação Básica sobre o ensino, a aprendizagem e a difusão das Geociências, visando uma análise de metodologias, inovações, iniciativas e tendências de abordagem das Geociências nos diferentes níveis da Educação Básica. Na abertura do GEOEDUCA foi realizada uma apresentação de Carimbó, demonstrando como os elementos da Natureza estão presentes tanto nas letras como nos movimentos desta dança (Fig. 8).



Fig. 8 – Apresentação de Carimbó na abertura do GEOEDUCA e visita ao Pão de Açúcar, culminando a história da geração do GeoTales pelo trio que representa o núcleo central da família paraense associada com a criação deste projeto na UNIRIO.

## O NASCIMENTO DO GEOTALES

No dia 16 de agosto de 2015 o GeoTales finalmente nasce como um grupo de divulgação científica que atua por meio de performances

artísticas, estando associado a projetos de extensão, pesquisa e ensino da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A primeira apresentação foi uma palestra com narração de histórias (A Geologia e a Paleontologia nas Artes: formas alternativas de divulgação e ensino), no auditório do Museu Nacional, no Rio de Janeiro (Fig. 9).



Figura 9 – Primeira apresentação do GeoTales, no Museu Nacional.

Desde então já foram atendidas de forma presencial 4.837 pessoas nos estados do Rio de Janeiro e do Pará, abrangendo uma faixa etária de 02 a mais de 80 anos, em museus (Museu de Ciências da Terra, Museu da Geodiversidade e Museu Nacional), creches, escolas, universidades e outros espaços de ensino formal e não formal, públicos e privados (Fig. 10).

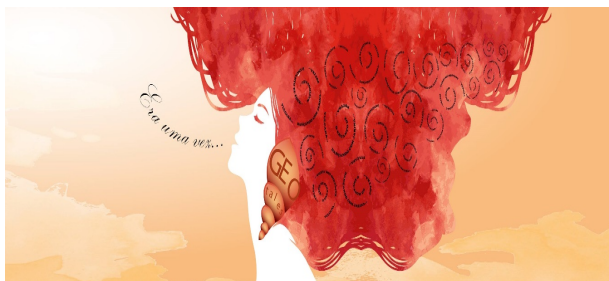


Figura 10 – Logotipo criado para o grupo GeoTales UNIRIO.

Em 2016 o GeoTales viajou para participar do IFNOPAP que aconteceu em Belém e Mosqueiro nos dias 05 a 09 de dezembro, realizando a estreia ifnopapiana do

grupo na Escola Professor Manuel Leite com uma apresentação artística (GeoTales – as geociências nas poéticas orais), uma Palestra (Geomitologia: Era uma vez... na história da Terra) e uma oficina Paleontologia Cultural: uma análise sobre monstros e fósseis da Amazônia – O Mapinguari. Todas as atividades foram realizadas em conjunto com duas discentes bolsistas de extensão da UNIRIO pelo GeoTales, Lilaz Santos e Maria Luiza Lopes, do curso de Ciências Biológicas da UNIRIO.

Parte do material produzido pelo GeoTales, além de artigos e livros digitais, é disponibilizado por meio do Instagram (@geotales, @projetomulheresdaterra, @geo\_orunaoiye, @luasdeashanti), um site (<http://geotalesunirio.wixsite.com/geotales>), página do Facebook (GeoTales UNIRIO) e canal do Youtube (GeoTales UNIRIO), a fim de ampliar o acesso aos materiais produzidos pelo grupo. A equipe do GeoTales é composta por professoras de Geologia, Paleontologia, Literatura e Artes Cênicas, associadas com discentes dos cursos de graduação (Artes Cênicas, Ciências Biológicas, Ciências Ambientais e Museologia) e pós-graduação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação da Natureza) da UNIRIO (Fig. 11), realizando diversos projetos focados na divulgação da História da Terra.

As discentes da UNIRIO que compõem atualmente o GeoTales são Lilaz Beatriz Monteiro Santos, Maria Luiza Lopes, Júlia Mayer de Araujo, Thalyta de Sousa Angelici e Lia Fernandes Peixinho. Discentes que já fizeram parte do grupo nos anos de 2016 e

2017 foram Giselle Ferreira Paes Leme, Filipe Teixeira, Gabriel Mação, Daniela Bentes Mello, Débora Pires, Izabella Sadler, Beatriz Marinho, Letícia Santos e Priscila Almeida.



Figura 11 – Equipe do GeoTales em 2016, na primeira apresentação no Museu de Ciências da Terra – MCTer / Urca / Rio de Janeiro.

As apresentações do GeoTales são compostas por até quatro momentos distintos, especialmente nos setores educativos de museus e escolas: no início, é realizada uma performance poética sobre as histórias em prosa e verso, a fim de despertar o interesse e encantamento do público pelo assunto. De acordo com a faixa etária, as narrativas podem ser complementadas por efeitos sonoros, fósseis (originais e réplicas), minerais, rochas, e alguns adereços para auxiliar o processo de imersão nas histórias. Esta etapa visa atingir o principal objetivo do GeoTales, que é a divulgação da Geologia e Paleontologia por meio das Artes.

No segundo momento são realizadas as atividades práticas, por meio da aplicação de jogos educativos criados pelo próprio grupo e outras atividades como simulações corporais, cantos e danças, a fim de trabalhar o conteúdo científico apresentado nas performances de

formas complementares. No final destas atividades as histórias são reformuladas de várias formas, geralmente a partir de pequenos trechos dispostos no verso das peças dos jogos (Batalha de Poemas, Paleotwister, Memória da Terra – jogo da memória, GeoDominó, PaleoJenga, Pulando os Repentes da Terra - amarelinha, Supergeotrunko poético – jogo de cartas, Geocaça-palavras e Paleopalavras - cruzadas,) ou nos outros materiais utilizados como exposição (as instalações geopoéticas – Fig. 12). Todos estes jogos, incluindo as suas ilustrações, são criados pela própria equipe do GeoTales, por meio do reaproveitamento de materiais diversos.



Figura 12 - Instalações geopoéticas elaboradas pelo GeoTales.

O terceiro momento das apresentações é um debate sobre as correlações entre os conceitos de Geociências e as histórias trabalhadas pelo grupo, para estimular a assimilação dos conceitos científicos que foram apresentados ao longo das duas etapas iniciais da atividade, destacando outro objetivo do grupo, que é o desenvolvimento de novas metodologias para o ensino das Geociências. A última etapa, que geralmente é realizada em apresentações em eventos para público adulto,



são palestras e oficinas com maior conteúdo científico (Fig. 13).



Figura 13 – Equipe do GeoTales em 2018, em uma oficina na UNIRIO e no MCTer.

O tempo de duração das apresentações do GeoTales (assim como a quantidade de etapas realizadas em cada local) varia de 05 minutos a 02 horas, de acordo com a disponibilidade e solicitações de tópicos com conteúdo específico, oriundas de demandas dos professores das instituições atendidas.

As histórias em prosa e verso utilizadas como base para a criação das performances são unidas numa coletânea denominada repertório geopoético, criado a partir de um levantamento de mitos de diversas origens (especialmente indígenas e afro-brasileiros) e poemas na língua portuguesa (de autores brasileiros, africanos e portugueses) e inglesa, que apresentam diversas possibilidades de correlação dos seus temas com conceitos associados com as Geociências. Destaca-se que as histórias e os poemas são parcialmente modificados para o uso nas performances geopoéticas, usualmente pela inclusão de mais conteúdo científico e diminuição do seu tamanho original, a fim de destacar as partes que podem ser mais diretamente correlacionadas com as Geociências.

Além desta coletânea, também são constantemente elaboradas exposições, as “instalações geopoéticas”, para serem associadas com as performances realizadas pelo GeoTales, compondo os cenários e produtos de divulgação. Os principais materiais elaborados nos últimos dois anos são os “Conselhos geopoéticos” (frases compostas por conselhos baseados em conceitos das Geociências), o “Varal da higiene mental” (poemas escritos em rolos de papel higiênico, instalados nos banheiros e outros espaços alternativos), o “Varal de remédios para a alma” (poesias distribuídas dentro de caixas de remédio, visando destacar que a poesia também pode curar as pessoas), a “Chuva de poesia” (trechos de poemas escritos em gotas transparentes, penduradas dentro de guarda-chuvas), os “Poemas (in)orgânicos” (partes de poemas escritos em folhas secas, rochas e minerais), os “Origamis paleontológicos” (origamis baseados em fósseis), as “Flores geopoéticas” (garrafas pet que são transformadas em flores e rolos de plástico onde são escritos trechos de poemas), o varal “A poesia está no ar” (balões de látex com frases e desenhos dos conselhos geopoéticos), os Cubos de palavras infinitas (cubos com palavras dos poemas que formam diversas combinações de frases), o varal “Reconstruindo o GeoTales” (moldes dos personagens do GeoTales em papelão e placas de acetato - transparências e chapas de raios-x reutilizadas -, distribuídas durante as apresentações para que o público escreva suas impressões sobre as histórias) e as “Pílulas de poesia” (partes de poemas impressos em

pequenos pedaços de papel que são distribuídos enrolados, dentro de cápsulas).

## **ABRINDO AS ASAS DO GEOTALES**

Em 2018, o foco do GeoTales é o projeto GEOMITOLOGIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, que tem como objetivo coletar e recriar histórias em prosa e verso que estejam relacionadas com as montanhas, rochas e paisagens mais excepcionais do Rio de Janeiro, devido aos seus valores científico, didático, estético, cultural, turístico e histórico. Até o momento, está enfocando o “Gigante adormecido da Baía de Guanabara”, formado pelo conjunto de montanhas da Pedra da Gávea, Corcovado e o Morro do Pão de Açúcar; e a “Pedra da onça”, que conta a história indígena de um gato-Maracajá que esperou por sua dona por tanto tempo que acabou ficando petrificado em cima de uma rocha, na Ilha do Governador.

Os estudos que correlacionam as Geociências com os mitos foram agrupados sob o termo Geomitologia, proposto pela geóloga Dorothy Vitaliano em 1968 para os mitos que explicam, por meio do imaginário e de metáforas poéticas, a ocorrência de eventos geológicos, como os terremotos. A abrangência desses mitos se estende ainda à origem dos fósseis e de outros elementos da geodiversidade (minerais, rochas, solos e diversos depósitos que são o suporte da vida na Terra), mas apesar disso a Geomitologia ainda é uma área muito pouco estudada no Brasil.

Com base nessas experiências, que demonstraram o amplo potencial da Geomitologia como forma alternativa de

divulgação científica, foram criados diversos projetos novos na UNIRIO (citados abaixo) a partir de novas parcerias, diversificando os tipos de locais, o público e as expressões artísticas utilizadas como formas alternativas de realizar a divulgação da História da Terra. De uma forma mais específica, o termo Paleontologia Cultural destaca as apropriações culturais dos fósseis por diversos povos, sendo esta uma área da Zoologia Cultural focada nos diversos produtos (materiais ou imateriais) resultantes da interação antrópica com os fósseis. Portanto, Paleontologia Cultural também é uma nova área, que estuda a presença de fósseis nas diferentes manifestações da Cultura.

Outra área que foi descoberta neste processo foi a Geopoética em sua vertente mais abrangente, associada não apenas a representações literárias das paisagens naturais e culturais ou na forma em que aparece em outros trabalhos associados com a Geografia, mas inclui de forma predominante a Geologia e a Paleontologia, ou seja, as Geociências de um modo geral dentro da Geopoética. Este sentido “geológico” da Geopoética está de acordo com a linha de pensamento desenvolvida por Kenneth White, que em 1979 associou este termo com as diversas formas de relação dos seres humanos com o planeta Terra. A Geopoética torna-se ainda mais interessante no contexto atual por oferecer um terreno de encontros e estímulos recíprocos entre as Geociências, Poesia, Artes, Filosofia, Biologia, Ecologia, Oceanografia, Física, Química e outras disciplinas diversas, desde o momento

em que as pessoas que trabalham com estas áreas estejam prontas para saírem dos seus espaços isolados e se encontrarem em ambientes inusitados, onde a busca por novas correlações e pontos de contato das Artes com a Ciência seja amplificada.

Além disso, outros projetos mais recentes que também estão associados ao GeoTales por meio de novas parcerias são: (1) GEOPOÉTICA DO ORUN AO AIYÊ: A TERRA QUE ATRAVESSA O TEMPO. Representando a união das Geociências com as Artes Cênicas, Poesia e Mitologia, o foco deste projeto é o desenvolvimento e apresentação de performances baseadas nas poéticas orais da mitologia afro-brasileira, incluindo a recriação de mitos e poesias que ampliem a percepção das diversas formas de relação sensível e poética dos seres humanos com o planeta Terra, associando a divulgação das pesquisas sobre a História da Terra com temas como o empoderamento feminino e a valorização da cultura afro-brasileira.

A integração da vivência das integrantes deste projeto com a pesquisa acadêmica possibilitará a criação e a partilha de performances vivas, viscerais e profundas, acrescidas da ancestralidade traduzida nos mitos, elementos da natureza, arquétipos, símbolos, danças e cantos associados com a Mitologia afro-brasileira. A performance inicial, "Ei, Mulher!", utilizada como base do projeto, foi criada por seis mulheres negras (coletiva Agbara Obinrin) e apresenta o processo de criação arquetípica e mítica da ancestralidade negra, dando voz ao rompimento

da submissão em Yemanjá (associada ao mito de formação dos oceanos) e à raiva como potência em Obá (relacionada com as águas revoltas, ou seja, a dinâmica fluvial em rios com canais entrelaçados ou anastomosados), dentre outras deidades iorubanas.

Este projeto também contempla ações afirmativas ao valorizar e ampliar a presença da cultura negra nas Instituições Públicas de Educação Superior, com o objetivo de promover igualdade de oportunidades e combater o racismo, o preconceito e a intolerância religiosa, pois infelizmente temas associados com a mitologia afro-brasileira ainda são alvo de posturas inadequadas e ignorantes, mesmo quando representam somente a vertente cultural e não as religiões em si, no caso o componente cultural da mitologia afro-brasileira. (2) LUAS DE ASHANTI: ESCRITAS DAS MULHERES NEGRAS E OS RETRATOS DE SUA GEOPOÉTICA. Este projeto tem como principal objetivo divulgar a História da Terra por meio da produção artística de mulheres negras, incluindo histórias em prosa e verso e fotografias que abordam a relação das mulheres com a Natureza. (3) MULHERES DA TERRA: DIVULGAÇÃO DAS GEOCIÊNCIAS POR MEIO DE FOTONARRATIVAS. Historicamente, as mulheres muitas vezes não tiveram oportunidade de serem reconhecidas nos espaços de poder, seja no mundo acadêmico ou no meio artístico. A fim de destacar a questão do empoderamento feminino dentro das Geociências, as novas narrativas criadas pelo Geotales, como "Aiyra e o

Maracajá”, transformam o papel das mulheres nas histórias, colocando-as como as personagens principais.

A relevância dessas novas versões das histórias é mostrar por meio da Arte, no caso a integração de narrativas orais com a fotografia, toda a força, inteligência, intensidade e pluralidade feminina, trazendo mais representatividade e empoderamento para as mulheres que visam integrar o meio acadêmico e artístico. Neste projeto estão sendo criadas narrativas fotográficas com a finalidade de ilustrar e divulgar por meio da fotografia as personagens das narrativas utilizadas nas performances do GeoTales.

Este material também é utilizado como um jogo, associado com as performances, no momento em que o público recria as apresentações por meio de novas combinações das fotografias e dos trechos de diferentes versões das histórias (incluindo a versão apresentada pelo GeoTales e a versão escrita pela modelo do ensaio fotográfico, que destaca as ligações da história pessoal da modelo com o arquétipo feminino associado com a narrativa).

A premissa que embasa todos os projetos citados acima é que quando o projeto de divulgação científica envolve a combinação da transmissão de conteúdo científico por meio de diversas formas de expressões artísticas, ele possibilita uma estrutura mais eficiente para a realização de ações educativas, ampliando e multiplicando as experiências sensoriais, afetivas e cognitivas que cada pessoa pode usufruir. Essas atividades podem exercer um papel fundamental na ampliação de uma

consciência de conservação do Patrimônio Geológico, despertando o interesse pela Geologia e Paleontologia ao demonstrar como os seus conceitos estão relacionados a diversos termos e representações do cotidiano. As Artes devem fazer parte das atividades interdisciplinares nas escolas, museus e outras instituições de ensino e pesquisa, pois existe uma profunda relação entre Cultura, Ciência e Arte no processo de desenvolvimento humano. Entretanto, uma discussão interligada sobre essas três dimensões raramente é abordada.

Outros projetos de pesquisa, ensino e extensão que são realizados na UNIRIO de forma integrada com o grupo GeoTales são: “Fósseis das bacias paleozoicas brasileiras: análise tafonômica, paleoambiental, paleoecológica e patrimonial” (onde os fósseis de afloramentos brasileiros são estudados com o objetivo de caracterizar o modo de ocorrência, distribuição e composição das concentrações fossilíferas); “Geoturismo, Geoconservação e Geoética: contribuições das geociências para a conservação da natureza”; “Ensino de Geologia e Paleontologia por meio da utilização de diversas formas de expressão artística”; “Antologia Geopoética”, “Repentes da Terra”, “GeoTales: A divulgação das Geociências atravessada pela poética das vozes da Terra”; “Geopoética: divulgação das Geociências pelo reencantamento do e com o mundo”; “O Canto de Elisama: divulgando as mudanças climáticas do Permiano na Bacia do Parnaíba e suas consequências na paleofauna”; “Conversando sobre a tectônica de placas com a Zaratana, a ilha sobre o casco de uma

tartaruga” e “Nymphas da terra: narrando o surgimento das Nymphaeales no Mesozoico e seu ciclo de polinização pelo besouro *Cyclocephala castanea*”.

No Mestrado profissional em Ecoturismo e Conservação da UNIRIO, quatro projetos em andamento também apresentam interfaces com o GeoTales: (1) A GEODIVERSIDADE E A PAISAGEM DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: atrativos para a realização do Geoturismo Urbano (Fig. 14); (2) INTERFACES ENTRE ARQUITETURA, ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO NOS PARQUES NACIONAIS: a importância da representação da diversidade paisagística na concepção arquitetônica; (3) D.O.S.S.E.L. Jardim Sulacap: Uma proposta de conservação do Patrimônio Natural da Área de Proteção Ambiental do Morro do Cachambi; e (4) GEOTURISMO NO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DAS MESAS: planejamento e gestão estratégica para a geoconservação.

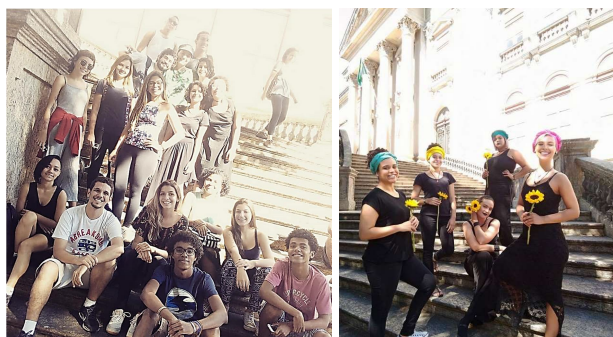


Figura 14 – Apresentações do GeoTales associadas com projetos de Geoturismo Urbano no bairro da Urca, em frente ao Museu de Ciências da Terra.

As apresentações relacionadas com todos estes projetos foram realizadas desde 2015 nas seguintes instituições: Museu

Nacional / UFRJ / São Cristóvão; Instituto Benjamin Constant e Museu de Ciências da Terra / Urca; Museu de Geodiversidade / UFRJ / Ilha do Fundão; Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - CPRM/RJ / Urca; Departamento de Geografia - UFRJ / Ilha do Fundão; Instituto de Biociências, Centro de Ciências Humanas e Centro de Letras e Artes da UNIRIO / Urca; Escola Augusto Pinheiro Carvalho / Marechal Hermes; Escola Municipal Jacques Raimundo / Realengo; Escola Municipal Ministro Edgard Romero / Madureira; Creche Municipal Vitorino Freire / Vila Valqueire; Escola Fundação Bradesco / Tijuca; Escola Centro Educacional Miguel de Cervantes / Cachambi; Escola Jockey / Gávea; Colégio e curso Revisa / Vicente de Carvalho; Externato Alfredo Backer / São Gonçalo; Espaço de Desenvolvimento Infantil Gabriela Mistral / Urca, e Escola Professor Manuel Leite / Mosqueiro, Pará.

Como conclusão deste relato sobre as origens e vivências do GeoTales nestes seus primeiros três anos de existência, destaca-se que todas estas apresentações e projetos que buscam integrar as Artes com as Geociências também visam auxiliar o desenvolvimento global das pessoas, contribuindo para a constituição da sua identidade e do seu autoconhecimento, ao desenvolver o senso crítico e estético, despertar o imaginário e a reflexão sobre as relações do “eu” com o outro e com o planeta Terra, a fim de promover a conservação do Patrimônio Natural e Cultural de forma integrada.

## REFERÊNCIAS

KELLNER, A. W. A. 2006. **Pterossauros** - Os senhores do céu do Brasil. Editora: Vieira & Lent, 175p.

LEME, G. F. P. **GeoTales: Divulgação das Geociências no setor educativo do Museu de Ciências da Terra**. 2017. Monografia (Graduação - Bacharelado em Museologia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ.

PONCIANO, L. C. M. O. 2006. **Paleoecologia dos Macroinvertebrados Bentônicos da Formação Maecuru, Devoniano Médio, Bacia do Amazonas, Brasil**. Monografia (Graduação de Bacharel em Ciências Biológicas) – Escola de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 133p.

PONCIANO, L. C. M. O. 2011. **Fósseis devonianos da Bacia do Amazonas**. Florianópolis: Editora Bookess, 8 ed., 144 p.

PONCIANO, Luiza C. M. O. **Geomitologia: Era uma vez... na história da Terra**. *Revista Sentidos da Cultura*. V. 2, n. 2, 2015, p. 22 – 42.

PONCIANO, Luiza C. M. O.; et al. **GEOPOÉTICA: A DIVULGAÇÃO DAS GEOCIÊNCIAS PELO REENCANTAMENTO DO E COM O MUNDO** In: In: IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, Ponta Grossa. **Anais do IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação**, 2017, p.21-25.

SANTANA, A. M. 2015. **Memória e narrativa na voz de contadoras itinerantes e griots**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Letras. 139 p.

SANTOS, Lilaz B. M.; et al. **Paleontologia cultural: uma análise sobre fósseis e monstros**

da Amazônia – O Mapinguari. In: **I COLÓQUIO DE ZOOLOGIA CULTURAL**, 2016, Rio de Janeiro. – Livro do Evento Rio de Janeiro: Perse, 2016, p. 114 - 129.

SANTOS, L.B.M. **GeoTales: A divulgação das Geociências atravessada pela poética das vozes da Terra**. 2017. Monografia (Graduação - Bacharelado em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ.

SANTOS, L. B. M.; PONCIANO, L.C.M.O. **BATALHA DE POEMAS: VAMOS BRINCAR DE POESIA NAS GEOCIÊNCIAS?** In: IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, Ponta Grossa. **Anais do IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação**. 2017, p.6 – 10.

SANTOS, L. B. M.; PONCIANO, L.C.M.O.; MAÇÃO, G. B.; PEIXINHO, L. F.; ARAUJO, J. M.; LEME, G. F. P. **Geotales: A divulgação das Geociências atravessada pela poética das vozes da Terra** In: IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, Ponta Grossa. **Anais do IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação**, 2017. p.16 – 20.

Site GeoTales - <http://geotalesunirio.wix.com/geotales> Artigos - [http://www.researchgate.net/profile/Luiza\\_Ponciano2](http://www.researchgate.net/profile/Luiza_Ponciano2)  
<http://unirio.academia.edu/LuizaPonciano>  
Facebook - <http://www.facebook.com/labtapho>  
<https://www.facebook.com/GeoTalesUNIRIO>